



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

PRISCILA BISPO PITA

**MULHERES CAPOEIRISTAS EM SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO: GÊNERO,
IDENTIDADE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO RECÔNCAVO (1970-1990)**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

PRISCILA BISPO PITA

**MULHERES CAPOEIRISTAS EM SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO: GÊNERO,
IDENTIDADE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO RECÔNCAVO (1970-1990)**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês – IHLM, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Lúzio Matos Silva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	JUSTIFICATIVA	6
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA CAPOEIRA NO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO	7
3	PROBLEMATIZAÇÃO	8
3.1	OBJETO DE ESTUDO	10
4	HIPÓTESE	10
5	OBJETIVOS	11
5.1	GERAL	11
5.2	ESPECÍFICOS	11
6	FONTES E METODOLOGIA DE PESQUISA	11
6.1	O TRABALHO DE CAMPO: RELATOS E ENTREVISTAS	19
	REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo as atividades físicas que envolvem lutas, foram caracterizadas como atributos designados aos homens. Para as mulheres, as atividades atribuídas a elas eram a movimentação do corpo ritmado, culturalmente, pela dança. Algumas das grandes referências femininas de força, garra, coragem e segurança retratadas na história da Capoeira remetem nos à década de 1940, quando se destacaram as famosas “Maria 12 Homens”, “Calça Rala”, “Satanás”, “Nega Didi” e “Maria Pára o Bonde”,¹ como mulheres que se fizeram passar por homens para poderem conviver no meio da malandragem das rodas da capoeira.

Até o ano de 1930, a Capoeira era proibida no Brasil, isso ocorreu por estar associada às práticas de subversão e violência, com os negros marginalizados pela Lei de Proibição da Capoeira de acordo com Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil sobre o Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890 Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal; Pena de prisão celular de dois a seis meses. Mas antes mesmo da Abolição da Escravidão, no Código Penal da época imperial, a Capoeira já se enquadrava na classificação de “vadiagem” e, portanto, já era entendida como crime.

O reconhecimento da Capoeira como habilidade corporal, destreza certa, que, fazendo uso dos membros (braços e pernas), poderia ser fatal, principalmente quando usada contra repressores que não sabiam se defender, tornou-se crime no Código Penal de 1890. Outras manifestações afro-brasileiras como o Candomblé e o Samba também foram igualmente proibidas. O corpo, ao longo dos séculos, sempre foi tema de preceitos, tabus, ritualizações e controle socialmente aceito no modelo da cultura europeia ocidental. O corpo feminino em especial inspirou poemas, pinturas, músicas, esculturas, além de outras práticas artísticas, em sua valorização estética e sensual. Geralmente predominou certa exaltação do feminino a partir de suas representações. Contudo, paralelamente ao mundo artístico formal, também foram

¹ Trecho do texto de Lilia Benvenuti de Menezes sobre a Mulher na Capoeira. Publicado no livro Textos do Brasil nº 14, publicado pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil sobre a Capoeira.

construídos discursos que visavam a controlar o corpo feminino, particularmente no que dizia respeito ao campo de sua gestualidade, ou mais precisamente, da sua linguagem corporal. O corpo feminino deveria ser contido naquilo que poderia significar para sociedade. (OLIVEIRA, 2009, p. 137).

A capoeira como prática artística e de luta, teve sempre na sua representação a figura masculina sendo o protagonista que inspirava outros homens a praticá-la. Durante muito tempo a participação das mulheres era restrita. Poucas praticavam e quase não se tem relatos concretos das mulheres que praticavam a Capoeira no início da sua difusão entre os séculos XIX e na metade do século XX. Para as mulheres eram reservadas simplesmente a observação das rodas, tais limitações eram postulados em detrimento de uma narrativa que, a Capoeira era um instrumento sobre do domínio masculino. A importância da mulher no universo da Capoeira, passou a ir além do seu ingresso nas rodas. A cada dia, a mulher foi se tornando um símbolo de luta e resistência desmitificando o machismo cultural e conquistando os seus espaços na sociedade.

Desse modo é possível compreender que a conquista do espaço da mulher na Capoeira ocorreu a partir da coexistência do processo da luta das mulheres trabalhadoras na sociedade de classe. A Capoeira, assim como os esportes e as lutas de maneira geral, historicamente esteve associada ao universo masculino. Entretanto, nas décadas iniciais do século XX, segundo Mestre Felipe (Felipe Santiago, 11 de Maio de 1927) começa a surgir os primeiros compassos da prática da mulher na capoeira na cidade de Santo Amaro. Em entrevista com Mestre Felipe o mestre mais antigo da cidade de Santo Amaro, aos 94 anos ele relatou que, por volta do final da década de 1930, existiu uma mulher apelidada por “Maria Homem” que jogava Capoeira na mesma época do lendário Manoel Henrique Pereira, Besouro Mangangá² Trajando uma saia por cima da calça a então capoeira Maria Homem adentrava nas rodas de Capoeira a fora. Os registros sobre a existência da capoeirista são salvaguardados através da oralidade de relatos de alguns mestres e da comunidade. Mestre Felipe contou que naquela época entre 1930 e 1935, não existia calça para mulher, as mulheres usavam saia e vestido.

² Manoel Henrique Pereira, mais conhecido como Besouro Mangangá nascido em 1895, seu falecimento ocorreu em 24 de Julho de 1924. Foi um capoeirista baiano que no início do século XX tornou-se o maior símbolo da capoeira baiana. Para mais conhecimento sobre o capoeiristas encontra-se no livro Feijoadas no paraíso Besouro / Carvalho, Marcos. 2009.

A peça era vista como um símbolo do poder masculino no passado. No fim do século XIX, as mulheres começaram a aderir à febre dos esportes e dos exercícios físicos. Mas como se exercitar ou andar de bicicleta com saias pesadas e cheias de camadas? Começaram a usar, então, um modelo de calça bufante, quase uma saia bifurcada, mas que lhes davam maior liberdade de movimentos, a chamada *bloomer*, cujo nome foi uma homenagem à feminista Amélia Bloomer.³³ A resistência ao uso dessa peça era grande. Mulheres eram xingadas e agredidas nas ruas por estarem em “trajes masculino (RASPANTI, 2014).

O fato de não existir calça para uso feminino nessa época, tornava -se mais um empecilho no processo de inserção da mulher não só na Capoeira, mas também em relação à prática dos esportes na qual precisava-se de mobilidade, já que com o uso da saia não ocorria. Segundo Mestre Ado, (Sidiney Sena, 15 de novembro 1965), as mulheres que jogavam Capoeira amarravam as pontas da saia e caíam no jogo. Situação como essa, era mais uma luta de direito a ser conquistada. Com esses atenuantes se fortalecia ainda mais o discurso de que a Capoeira não poderia ser praticada por mulheres. E embora Maria Homem tenha exercido um papel importante na história da Capoeira no período que sua prática era criminalizada, não se tem relatos concretos sobre sua história e quase seu nome não é citado nas obras escritas referidas à Besouro. A capoeira desde o século XVII, período que são caracterizado como sua existência, até 1934 no Brasil era marginalizada e quem a praticava era mal visto pela sociedade, e tidos como vândalos, arruaceiros entre outros adjetivos impostos à época. Se a Capoeira majoritariamente era praticada por homens e os mesmos eram descriminalizados, como a sociedade iria olhar para as mulheres que adentravam a sua prática? São muitas as questões suscitadas por este estudo.

2 JUSTIFICATIVA

Este projeto de pesquisa, tem entre os seus desafios, compreender o surgimento da participação da mulher na Capoeira, entre conquistas e resistências.

³ Amelia Jenks Bloomer (27 de maio de 1818 - 30 de dezembro de 1894) foi uma defensora dos direitos e da temperança das mulheres americanas . Mesmo que ela não tenha criado o estilo de reforma do vestuário feminino conhecido como bloomers , seu nome foi associado a ele por causa de sua forte e precoce defesa.

Trata-se de observar como se deu o processo de inserção da mulher na prática da capoeira a partir da década de 70 até os anos 90, na Cidade de Santo Amaro, analisado os fatores que fazem parte deste processo histórico além de suas particularidades, trazendo também, questionamentos acerca do olhar da sociedade em relação às mulheres que praticavam a capoeira no início do século XX, no contexto do Pós Abolição. Propõe uma análise crítica partindo do pressuposto de um preconceito e racismo, naturalizados também no viés sexista. Busca analisar os fatores históricos da atuação da mulher na Capoeira, numa perspectiva de gênero.

Nesse sentido, o estudo se propõe a acompanhar, historicamente, o processo de inclusão das mulheres no mundo da Capoeira. Pretende-se evidenciar os aspectos conceituais e hierárquicos da Capoeira, partindo do princípio de que a Capoeira vem da ancestralidade e da identidade do povo negro, e é uma emblemática representação da luta de libertação e resistência afro-diaspórica.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA CAPOEIRA NO MUNICÍPIO DE SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO

Santo Amaro é um município do Recôncavo Baiano. Possui 492 quilômetros quadrados de área e uma população de 60.069 habitantes, com 51,98% da população composta por mulheres na grande maioria negra resultando em um densidade demográfica com aproximação de 125 habitantes por quilômetro quadrado.⁴ A cidade é popularmente mais conhecida como Santo Amaro da Purificação e apelidada carinhosamente pelos santoamarenses por Santinho. Conhecida por ser um berço da cultura com raízes fincadas nas culturas afro-brasileiras, como a Capoeira, o Samba de Roda e o Maculelê, também é representada pelo lendário capoeirista Besouro, referenciado até hoje pelos que praticam a Capoeira. O⁵ povoado que deu origem a Santo Amaro foi fundado, em 1557, para a exploração da cana-de-açúcar, do fumo e da mandioca. Foi elevado a vila em 1727. Em 1837, tornou-se uma cidade com o nome oficial de Leal Cidade de Santo Amaro, hoje Santo Amaro da Purificação.

A trajetória histórica dos praticantes da Capoeira no Brasil lembra o que ficou conhecido na historiografia como a “história dos marginais”. Uma história que trata de

⁴ Segundo dados do IBGE (2020).

⁵ Registro do Trecho do livro Memória Historia Geografica de Santo Amaro, publicado em 1977, escrito pelo historiador Santoamarenses Pedro Tomás Pedreira, nascido em 1927.

certos indivíduos que estariam sendo apontados como marginais em determinado momento, portanto, excluídos da sociedade devido às suas qualificações “negativas” e que seriam “assimilados” em outra ocasião, graças aos benefícios que poderiam trazer à mesma sociedade ou a grupos particulares. A alteração do significado atribuído a esses indivíduos (ou às suas práticas socioculturais) ocorreria conforme as conveniências dos que a eles se referiam. Seria este o caso da Capoeira que foi criminalizada por mais de meio século, com o Código Penal republicano, e agora, após 118 anos da criminalização, foi declarada como Patrimônio Cultural do Brasil. (LEAL; OLIVEIRA, 2009, p. 53).

Apesar de não ser possível citar uma data precisa para o seu surgimento, a Capoeira do Recôncavo Baiano na cidade de Santo Amaro tem sido vista como símbolo de resistência. Porém, é somente no século XX que seus praticantes tornam-se mais claramente perceptíveis como personagens da vida urbana. Dessa forma entende-se a Capoeira, saindo dos matos em direção as calçadas, praças e ambientes públicos onde ela já poderia ser vista.

A partir desse período, pode-se encontrar relatos e debates sobre a Capoeira ao longo do final do século XIX e no decorrer do século XX, chegando aos dias de hoje.

Já no século XXI Apesar da longa presença na história da cultura afro-brasileira, a Capoeira foi tratada por muito tempo de maneira irrelevante no campo da pesquisa, passando a figurar como objeto de múltiplos estudos e reflexões somente nas últimas décadas. Alguns autores se debruçaram sobre a prática da Capoeira no século XIX, focando seus estudos principalmente sobre o Rio de Janeiro, cidade que, juntamente com Salvador e Recife, foi um dos cenários mais importantes da capoeiragem no Brasil (CAVALCANTI, 1999).

3 PROBLEMATIZAÇÃO

A conquista do espaço da mulher na Capoeira ocorreu como coexistência aos processos de lutas das mulheres trabalhadoras na sociedade de classe, além dos avanços e das lutas do povo negro após a Abolição. Entretanto, a pesquisa busca compreender e analisar a história da Capoeira na cidade de Santo Amaro, na perspectiva da história das mulheres e do feminismo negro.

Em 1968, na cidade de Santo Amaro no Recôncavo Baiano, surgiram os primeiros passos documentados da participação da Mulher na capoeira. Nessa época as alunas do Colégio Teodoro Sampaio receberam a incumbência de fazer um trabalho escolar cujo tema seria sobre às manifestações culturais da cidade. A partir daí uma das alunas da época, Maria Mutti, hoje professora de artes aposentada e historiadora teve a brilhante ideia de montar um grupo folclórico de nome Oxalá, incorporando, o Samba de Roda, o Maculelê e a Capoeira. Maria Mutti relatou que foi à procura de Mestre Vavá, o homem que difundiu o Maculelê no Recôncavo Baiano, na qual Maria teve orientação sobre os movimentos. Em seguida, nesse mesmo ambiente, ela teve o contato com a Capoeira através dos alunos do Mestre Vivi. Em entrevista, Maria relatou que no início da formação do grupo, tinha a participação de dois rapazes que tocavam os instrumentos. Não se dando por satisfeita, as integrantes resolveram aprender a tocar os instrumentos e assim formaram um grupo somente de mulheres onde, tocavam, sambavam e jogavam capoeira. O grupo começou a ganhar notoriedade e passou a fazer apresentações em cidades vizinhas, à convite das autoridades locais da época. Maria também informou que, entre as apresentações do grupo feita no Teatro Castro Alves na cidade de Salvador, alguns professores de Capoeira começaram a ter a presença feminina nas academias da cidade de Salvador. Durante a existência do grupo, Maria Mutti falou sobre as experiências passadas no decorrer da trajetória das integrantes do grupo onde, sofreram alguns preconceitos. Uma das componentes passou a ouvir insultos de alguns senhores, que lhe chamavam de “Mulher homem”. Segundo Maria, os xingamentos e as provocações só aconteciam com as meninas que eram mais tímidas e ela sempre resolvia com o diálogo. E aqueles que ainda assim insistiam nos insultos, eram inibidos com uma “rasteira” (golpe da capoeira), como contou Maria com um leve sorriso no rosto.

O grupo permaneceu ativo aproximadamente por dois anos, de acordo com Maria Mutti e, foi se dissolvendo gradativamente de acordo com as necessidades que surgiam nas vidas das integrantes onde, precisavam sair do interior para o ingresso na faculdade, casarem e constituir família. Embora as integrantes do grupo se dispunham a aprender alguns movimentos da capoeira e também aprender a tocar os instrumentos, como o berimbau, atabaques e pandeiros, o olhar da prática da capoeira diante do grupo permanecia em certa “superficialidade” de modo que, a capoeira exercida no grupo teve um papel mais folclórico, como performance de cunho teatral.

Após esse período entre 1970 a 1977, houve um silenciamento do corpo feminino na Capoeira, na cidade de Santo Amaro, e ainda não se tem registro sobre esse espaçamento de quase uma década, da prática da capoeira pelas mulheres. Afinal, Santo Amaro é a terra dos lendários capoeirista Manoel Henrique Pereira, mais conhecido como Besouro Mangangá, Cobrinha Verde, Gato Preto entre outros.

A delimitação temporal desta pesquisa, traz as narrativas históricas entre as décadas de 1960 a 1990. Durante muito tempo, a história da Capoeira na sua conjuntura de resistência e prática, teve como base para investigações, as análises de memórias do século XIX e XX. A maioria dos livros de história, contam que a Capoeira é originada dos negros das etnias banto. Mapear fontes escritas, principalmente relativas ao processo do surgimento da prática da mulher santoamarense na Capoeira, pensado a partir das décadas de 1960 e 1970, acabou se revelando uma tarefa cheia de desafios. Não se tem registros documentados desse período, e como a Capoeira faz parte da mesma ancestralidade que segmentos do Candomblé, e conseqüentemente atrelada ao Samba e às religiões de matrizes africanas, esse projeto foi construído pela oralidade através dos mestres de Capoeira mais antigos da cidade.

3.1 OBJETO DE ESTUDO

O percurso histórico da prática da Capoeira pelas mulheres na cidade de Santo Amaro, entre desafios de raça e de gênero (DAVIS, 2016).

4 HIPÓTESE

O racismo estrutural e a sociedade patriarcal, em suas raízes na colonização, determinou a Capoeira como forma de resistência, cujo fortalecimento, consolidação e expansão social foi somente possível com a presença feminina nas rodas e na democratização da luta / esporte, como prática cultural e política.

5 OBJETIVOS

5.1 GERAL

A pesquisa tem como objetivo, analisar a forma de inserção e participação feminina nas aulas e rodas de Capoeira. Busca-se pontuar a forma como as mulheres se desenvolveram, e observar os dilemas e desafios em torno da mulher capoeirista.

5.2 ESPECÍFICOS

- Apresentar o histórico da participação das mulheres na Capoeira;
- Promover as mulheres que se destacaram na história da Capoeira;
- Identificar as questões que explicam as dificuldades de permanência das mulheres na Capoeira;
- Evidenciar e problematizar o preconceito existente no âmbito hierárquico na Capoeira, em relação à formação do Mestre de Capoeira feminina.

6 FONTES E METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a realização desse projeto, foram utilizadas análises de livros, artigos, pesquisas com ênfase na temática de inserção da mulher nessa manifestação cultural e esportiva, entrevistas com Mestres, Mestras e alunos de capoeira da cidade de Santo Amaro, Cachoeira e de Salvador. Também foram utilizadas transcrição de lives e diálogos de rodas de conversas realizadas nas plataformas digitais. Sobre tudo, foram feitos questionários com diferentes perguntas distribuídas para alunas de capoeira de três grupos diferentes da cidade de Santo Amaro.

Figura 1 - Foto da formação do grupo Folclórico Oxalá de 1968, nesse período surge o primeiro registro de alguns mulheres fazendo alguns movimentos da Capoeira



Figura 2 - Participantes do Grupo fazendo uma da apresentação, demonstrando os movimentos da capoeira



Figura 3 - Panfleto de divulgação da Apresentação do grupo Oxalá na cidade de Amargosa

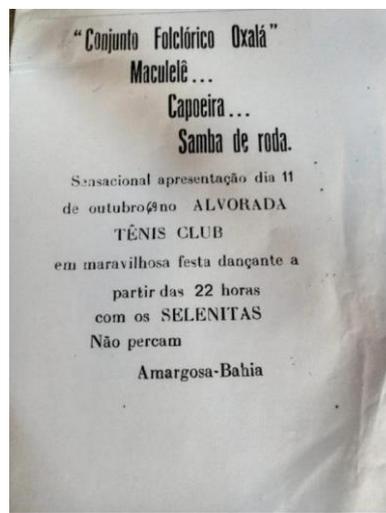


Figura 4 - Foto do Mestre Ado, que consta no livro Bibliográfico: Nossos Mestres, Nossa Cultura de Marcelo Augusto Moniz de Castro, 2015. Mestre Ado, foi um dos Mestres entrevistados

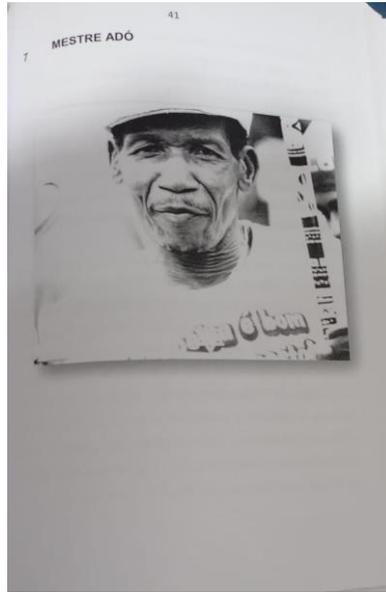


Figura 5 - Capa do livro: Nossos Mestres, Nossa Cultura

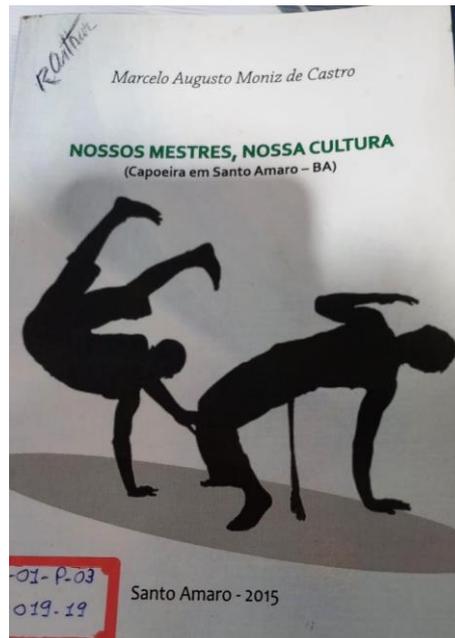


Figura 6 - Capa do livro de Memória História - Geográfica de Santo Amaro.
Escrito por Pedro Tomás Pedreira, publicado em 1977

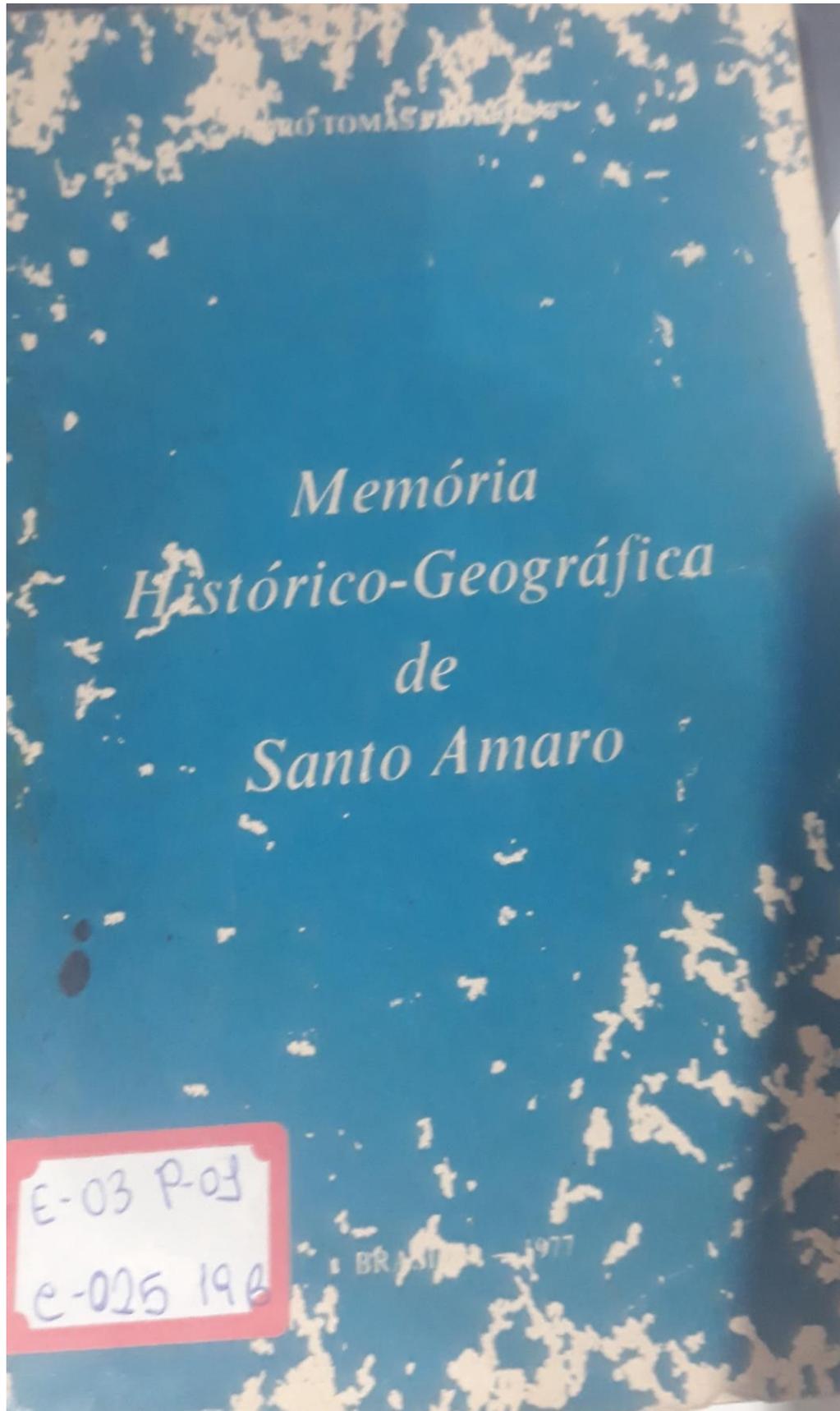
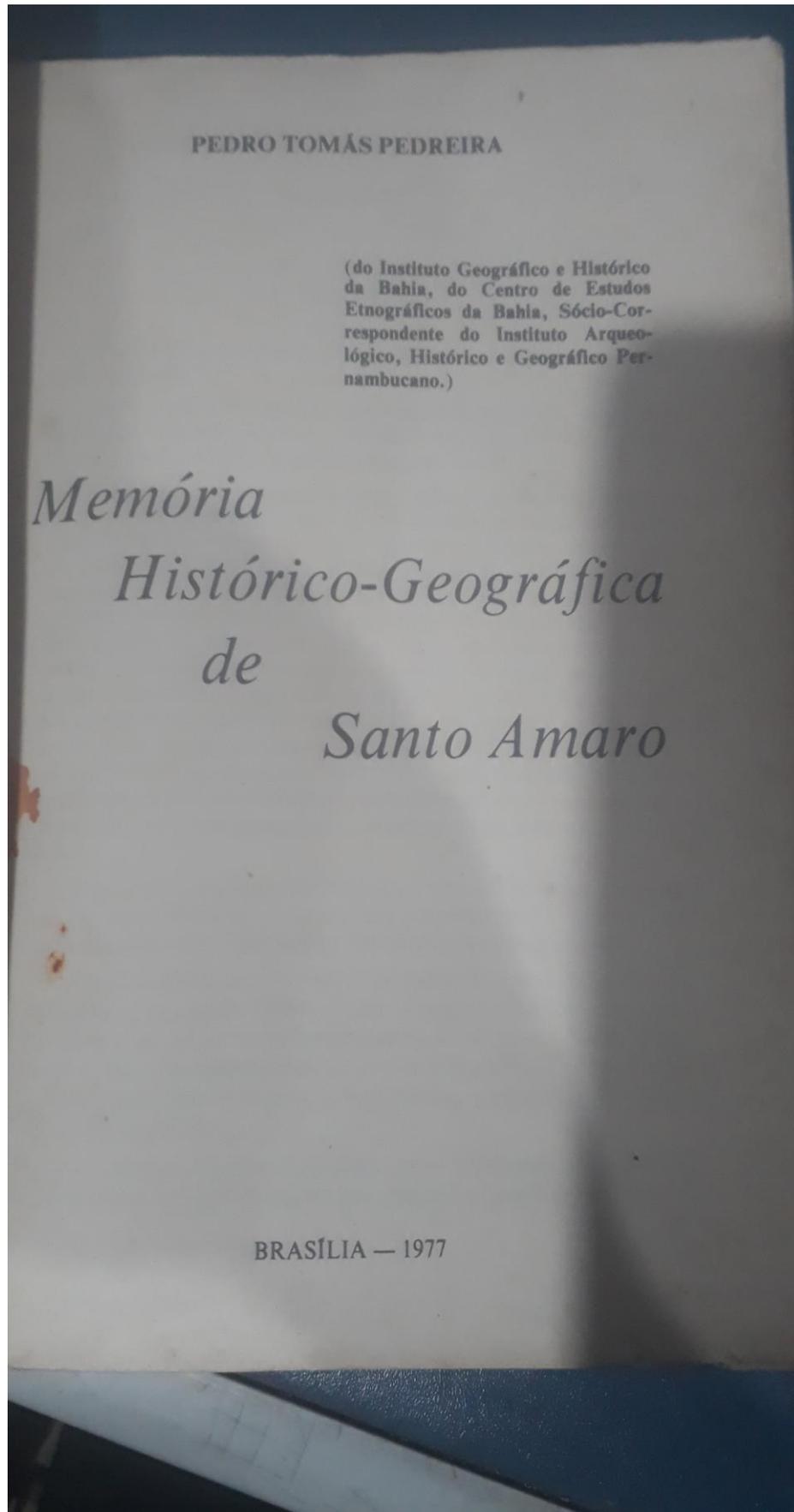


Figura 7 - Contra capa do livro *Memória História - Geográfica de Santo Amaro*



PEDRO TOMÁS PEDREIRA

(do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Centro de Estudos Etnográficos da Bahia, Sócio-Correspondente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.)

Memória
Histórico-Geográfica
de
Santo Amaro

BRASÍLIA — 1977

Figura 8 - Foto da Biblioteca Centro de Referência de Documentação de Santo Amaro



Figura 9 - Foto tirada 14 de julho de 2021. O dia que foi realizada a entrevista com Mestre Felipe, com a presença Mestre Lucas, o mediador para o acontecimento da entrevista



Figura 10 - Foto de uma cartaz relacionado a Live do Professor e Mestre de capoeira, Bel Pires. Foram utilizados pensamentos dialogados nessa palestra



Figura 11 - Foto de uma cartaz de divulgação de um evento de Capoeira do Grupo Acarbo. Participei desse evento onde 60% das oficinas, foram ministradas por mulheres capoeirista



Figura 12 - Foto do grupo de capoeira Raízes da Terra



Entrevistados

Felipe Santiago (Mestre Felipe) nascido em 11 de Maio de 1957, iniciou a capoeira aos 19 anos, **Maria da Purificação de Souza Mutti**, (Maria Mutti) professora e historiadora santamaranense, hoje com 69 anos . **Edney de Sena** (Mestre Adó) Santoamarense, nascido em 18 de junho de 1954, deu início a capoeira nos anos de 1963 com 9 anos de Idade. **Raimundo José Neves dos Santos** (Mestre Macaco) Santoamarense, Começou a prática da capoeira na década de 70 aproximadamente com 10 anos de Idade. **Edimilson Antônio Francisco** (Mestre Dimas) nascido em 15 de novembro de 1965, começou a capoeira com 8 anos de Idade. **Edilene do Santos (Mestra Edilene)** 46 anos, a segunda mulher na cidade de Santo Amaro a se tornar Mestra de capoeira

Hoje na contemporaneidade da cidade de Santo Amaro é perceptível enxergar nos grupos e academias de capoeira, um número bem expressivo de meninas e mulheres que fazem parte desses grupos. Algumas delas, mesmo sendo alunas (graduação menor) ocupam cargos de gerenciamento dos grupos, são elas que ajudam na logística dos eventos de capoeira, que organizam as refeições, são elas que têm as responsabilidades de cuidar de outros alunos menores de idade, são elas que ajudam na arrecadação de utensílios para realização dos eventos, enfim! As mulheres da capoeira estão de fato presentes nas realizações do dia a dia e dos eventos e batizados de capoeira.

Hoje a mulher capoeira, de forma geral assume papéis importantíssimos dentro do universo da capoeira. Embora, esse papel precisa ser sempre enfatizado para serem reconhecidas.

Decreto da proibição da prática da capoeira

(Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890)

Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;
Pena -- de prisão celular por dois a seis meses.

A penalidade é a do art. 96.

Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400.

Parágrafo único. Se fôr estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

6.1 O TRABALHO DE CAMPO: RELATOS E ENTREVISTAS

Em 1978 Ediney de Sena, hoje Mestre Ado, fundou uma academia de capoeira em prol de divulgar a arte e trabalhar com a comunidade, quando houve o ingresso de três meninas, como suas alunas. Essas meninas permaneceram em atividade até à adolescência, entre quinze a dezesseis anos. Mestre Ado relatou que naquela época as meninas foram deixando de frequentar a academia no período da adolescência, fase em que começaram a namorar, quando, em muitas das vezes os seus companheiros passavam a proibir a prática da capoeira. Após fundar sua academia, Mestre Ado começou a dar seguimento à arte da capoeira por quase todos os distritos da cidade. Neste meio tempo mulheres, crianças e adolescente entraram e saíram da academia e, até hoje as três crianças que ajudaram a fundar o grupo na época hoje, já adultas, e mesmo afastadas dos treinos, tem suas raízes mantidas no grupo. Em conversa com uma das primeiras integrantes, Joelma, nos relatou que embora não estivesse mais praticando a Capoeira, possui ligação com o grupo e sempre que pode e que o Mestre precisar, dentro das suas limitações, estará sempre ajudando. Joelma foi a primeira aluna da academia na época, Mestre Ado, era também o seu padrasto.

Tempos depois, já no início da década de 1990 surgiu então, uma explosão de adolescentes e crianças do gênero feminino a praticarem a Capoeira. Um dos grupos de capoeira que já possuía sua tradição para além da prática foi o grupo ACARBO (Associação de Capoeira Arte e Recreação Berimbau de Ouro), sobre a liderança de Raimundo José das Neves hoje Mestre Macaco, que conseguiu abrir uma academia no centro da cidade de Santo Amaro, onde foram matriculadas aproximadamente

oitenta mulheres de todas as classes sociais. A prática da capoeira por mulheres começou a se tornar coesa e sustentável. O grupo passou a se reunir com uma forte presença feminina de crianças e mulheres adultas de diversas partes do município, de diferentes classes sociais. Mestre Macaco ressaltou que a partir do momento que seu grupo conseguiu abrir uma academia no Centro da Cidade, a Capoeira começou a ganhar notoriedade e passou ser observada através do olhar feminino.

Ainda no início da década de 1990, na sua grande maioria, as mulheres do centro da cidade que, passaram a frequentar as academias de capoeira, buscavam manter a boa forma. Já as mulheres que integravam os grupos de capoeira dos bairros mais populares da cidade, frequentavam as academias por cultivar um sentimento de pertencimento de suas raízes.

As academias de capoeira, oriundas desses locais traziam suas identidades focando no trabalho social juntamente com a comunidade, cultivando, divulgando e salvaguardando a cultura. Em diálogos com algumas delas, pude perceber a diferença que havia entres as mulheres capoeiristas moradoras do Centro da cidade em relação às mulheres capoeiristas pertencentes aos bairros populares da região. A comunidade participava, com mães, crianças e adolescentes que faziam parte do grupo de capoeira na sua grande maioria, e que ajudavam os grupos no qual seus filhos e filhas participavam. Quando havia eventos de Capoeira, a comunidade abraçava da forma que podia, seja cozinhando a comida para ser servida aos convidados, alojando capoeiristas em suas residências e até mesmo passando rifas para adquirir recursos em prol de ajudar os grupos nos eventos de Capoeira que aconteciam anualmente.

No relato da Mestre Edilene dos Santos, pontuou que desde nova, seu primeiro contato foi quando criança, aproximadamente aos 10 anos. Ela memorou que quando assistiu pela primeira vez uma roda de capoeira, foi paixão à primeira vista; ficava encantada com aquela ginga, com os instrumentos e toda aquela dinâmica entre as pessoas. Com o incentivo do seu tio, ainda na adolescência, desde então se encantou e não parou de praticar.

Quando se tornou mestra aos 45 anos, viu-se ao lado de poucas outras mulheres que praticam a capoeira representando a resistência feminina na capoeiragem. Segundo Edilene, a vida da mulher capoeira é muito mais aguerrida em relação aos homens. Mãe de dois filhos, quando pequenos, nos momentos de evento do grupo no qual faz parte, exercia diversos papéis simultaneamente, de mãe, esposa e professora. Cozinhava, recepcionava os convidados, fazia captação de recursos

para os eventos, enfim, organizava toda a logística para a realização de um evento e ainda conseguia ter forças para ser capoeira.

Ginga, força talento e técnica são qualidades que as mulheres na Capoeira tem de sobra. Ainda sim, enfrentar o preconceito, o machismo e os estereótipos de gênero não é tão fácil quanto demonstrar suas habilidades na roda (portalcapoeira.com).

Couto (2014) presume os processos da sociedade que criamos:

“Há vários processos que desencantam o mundo, um deles é este modelo de sociedade que nós criamos, não é? Em que as coisas têm um valor por aquilo que podem render, pelo que podem dar lucro. Mas também há outras coisas mais sutis, como, por exemplo, o modo como um certo discurso se tornou hegemônico e expulsa qualquer outra coisa. Esta ideia que a aproximação que nós temos que ter com as criaturas precisa ser sempre positiva, tem que ser sempre racionalista, e tem que expulsar aquilo que é o lado da espiritualidade, no sentido mais profundo, não só religioso”.

De acordo com os relatos, gerados pelos Mestres e até mesmo com as alunas, é possível concretizar que um dos principais motivos das mulheres interromperem seu ciclo na capoeira, se dá pela proibição dos seus companheiros, impedindo que continuem a frequentar as academias e principalmente os eventos da capoeira. Isso se conclui porque, no olhar sexista, a grande maioria dos grupos de capoeira são constituídos por homens e na mente predominantemente machista, esses ambientes não “condizem” para as mulheres. Um dos aspectos que podemos ressaltar de fato, está relacionado a construção de um machismo enraizado, e que atravessa gerações.

A mulher que pratica capoeira e possui um relacionamento afetivo com um parceiro que também pratica a capoeira, ocorre num entrosamento que difere de uma relação afetiva com um parceiro fora do contexto da capoeira. Isso porque há relatos de jovens mulheres capoeiristas que enfrentaram resistência pelo simples fato dos seus respectivos parceiros não permitirem sua frequência nos eventos de capoeira. A visão machista de muitos deles, acabava e acaba até hoje, interferindo na produção de mulheres mestre de capoeira onde, alegavam que aquele ambiente era majoritariamente frequentado por homens. Isso se dá pelo fato da prerrogativa que, na grande maioria das vezes as academias de Capoeira eram majoritariamente compostas por homens.

Um outro fato que acarreta na disparidade na duração do tempo entre a mulher e o homem para se tornarem mestre de capoeira se dá pela forma uterina. Com a maternidade por si só, já remete a mulher de alguma forma a interromper seu projeto. O princípio da continuidade de geração restitui a primazia da paternidade e obscurece o labor real e a realidade social do trabalho das mulheres no parto. A fonte da libertação das mulheres se encontra “numa compreensão adequada do processo de reprodução”, numa avaliação das contradições entre a natureza do trabalho reprodutivo das mulheres e a mistificação ideológica (SCOTT, 1989). Mariane Oliveira Nunes no encontro estadual de História e movimentos sociais, ressaltou todo processo pelo qual a mulher passa. A mulher ainda é um peso muito grande a se carregar numa sociedade carregada de padrões, tradições e estereótipos que reforçam opressões que muitas vezes são naturalizadas. Ser mulher e praticar capoeira reforça ainda mais todas as dificuldades já encontradas num modelo de sociedade ainda conservadora. É desafiador não ter o corpo da mulher associado a uma hipersexualização, principalmente quando falamos das mulheres negras, ou quando não são objetificados e tidos como propriedades até mesmo em meio ao espaço da capoeira. As pesquisadoras teóricas do patriarcado concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontraram a explicação na “necessidade” do macho dominar as mulheres. Na adaptação engenhosa de Hegel, Mary O’Brien, define a dominação masculina como um efeito do desejo dos homens de transcender a sua privação dos meios de reprodução da espécie (SCOTT, 1995).

Em partes, as mulheres têm uma série de limitações que os homens não possuem e, ao invés de receber mais atenções por isso, acabou por serem menosprezadas. E no mundo da capoeira não se escapa disso, ela vem cheia de hierarquia, conceitos e machismo. Percebemos esse machismo, através do número de Mestre de capoeira mulher relacionada ao tempo de formação que a capoeirista mulher, leva para adquirir a formação de Mestre de capoeira. Enquanto para os homens, adquirirem o título de Mestre com iniciação entre 10 a 12 anos leva precisamente o tempo de 20 a 25 anos. Já para as mulheres com o mesmo tempo de iniciação na prática da capoeira levam entre 25 a 30 anos para serem reconhecidas e tornarem Mestre de capoeira. Segundo Virginia Passos, instrutora de capoeira e professora de Educação Física ele descreve seu ponto de vista, duas formas que a mulher conquistou todos os espaços na sociedade moderna e com a capoeira não podia ser diferente. Existem duas formas de atuarmos na capoeira. A primeira é a

mulher capoeira, aquelas que dedicam sua vida à arte e vivem em harmonia com ela. São mulheres guerreiras e capazes, que provam à sociedade machista que “sexo frágil” não temos nada. Agimos nas rodas de capoeira e nas rodas as ideias de igual para igual. Ministramos aulas, cursos, palestras, e, coordenamos trabalhos e grupos.

A segunda atuação é nas administrações de grupos, associações e trabalhos onde afirmo que mais da metade das coordenações dos trabalhos com capoeira existentes pelo mundo está sob a administração de uma mulher, que algumas vezes é a namorada, companheira, aluna, mãe ou esposa do “líder” do grupo e ele é quem aparece como coordenador e leva todo o prestígio. Essas mulheres atuam por amor de corpo e alma a capoeira, e muitas vezes, o amor pelo companheiro estende-se a arte. Situações como essas são muito recorrentes e perceptíveis dentro dos grupos de capoeira na cidade de Santo Amaro. Após os grandes eventos de capoeira realizados pelos grupos da cidade, na sua grande maioria, a figura da mulher está presente no funcionamento crucial do evento.

Sabemos que a luta para combater o machismo dentro da sociedade é constante, muito já foi conquistado com as lutas das mulheres no passado que surge como base e sem dúvida um enorme incentivo para continuarem na luta.

Um outro fator que se torna presente de forma machista com conceito estabelecido na sociedade que aparecem nas cantigas de capoeira onde, a figura da mulher, sempre são associadas como um objeto e descrita em algumas cantigas como pivô de discórdia e de conflito, como traidora e como pessoa infiel.

A maioria das cantigas de capoeira é de domínio público, tendo passado de mestres a alunos por várias gerações. É, portanto, muito difícil precisar a data em que foram compostas ou verificar as transformações que sofreram. Como Waldeloir Rego pondera: “é por demais perigoso se tentar distinguir cantiga de capoeira antiga da atual e, de um modo geral, cantiga de capoeira propriamente dita e cantiga de proveniência outra, cantada no jogo de capoeira” (89).

Portanto, é comum que as cantigas corroborem certos estereótipos encontrados na sociedade brasileira, tornando-se assim um dos espaços onde se pode comprovar com mais acuidade a atitude misógina que domina as rodas de capoeira. As letras das canções muitas vezes gabam o poder masculino e menosprezam a mulher. Sob esse prisma, há algumas semelhanças temáticas entre as cantigas de capoeira, especialmente os corridos, e as letras de algumas canções da Música Popular Brasileira (MPB).

A capoeira possui na sua constituição histórica e na sua formação, uma tradição de luta contra opressões discriminações e desigualdade étnica e racial. Por outro lado, a própria capoeira e os praticantes da arte que constituem e constituirão, em sua grande maioria, não combateu a interiorização e invisibilidade feminina presente historicamente no universo da capoeira. A luta para combater o preconceito e a discriminação da presença feminina na capoeira, vai além da participação das rodas.

As letras das cantigas de capoeira, trás uma interpretação na qual exalta os homens e inferioriza as mulheres. Segundo a professora Maria José Somerlate Barbosa as músicas na capoeira é Semelhante ao que acontece no cancioneiro da MPB, algumas cantigas de capoeira frequentemente codificam valores morais e sociais ao descrever a mulher como coisa possuída, ser inferior, objeto de prazer sexual ou empecilho para o bem-estar masculino. O homem é descrito como aquele que dita as normas de comportamento, geralmente determinando o que a mulher pode ou não vestir, se deve ou não cortar o cabelo, usar maquiagem, ou trabalhar fora de casa. Barbosa também as semelhança e a forma que são condicionada a mulher na música em relação a MPB, trazendo trechos das cantigas de capoeira onde são comparadas com música da MPB Marina de Dorival Caymmi, canção em que a voz poética critica a mulher por ter se maquiado.

Segundo Figuerôa, Outro aspecto discriminatório que se detecta é na parte musical, “quando “cantam” a mulher como causadora de problemas e discórdia entre os homens, como símbolo de maldade e falsidade. Por exemplo, nas cantigas, quando um homem é comparado a uma cobra é porque é bom jogador, astuto e rápido; por outro lado, se é uma mulher, é porque é traiçoeira, mentirosa e venenosa”. segundo Barbosa As únicas imagens da mulher nas cantigas tradicionais de capoeira em que ela não é menosprezada ou criticada aparecem naquelas que fazem referências às figuras míticas da mãe, da avó ou de Nossa Senhora. Nesse caso, ela é reverenciada e colocada num plano superior, aquele que o imaginário popular confere ao modelo de virtude que a mãe e a santa representam.

REFERÊNCIAS

Artigo do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11,13° Mundo de Mulheres.

BARBOSA, Maria José Somerlate. A Representação da Mulher nas Cantigas de **Capoeira**, artigo em bolsa de pesquisa concedida pelo National Endowment for the Humanities, 2001.

BRUNHS, H. **Capoeira, Carnaval e Futebol**. Campinas: Papyrus, 2000.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1991.

Código Penal (1830). Código Criminal do Império do Brazil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em: 16 de julho 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

MELLO, katusca Figuerôa. **IMPRESSÕES FEMININAS SOBRE: A PRESENÇA DA MULHER NA CAPOEIRA**. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/37220>. Acesso em: 20 Mai. 2021.

MENEZES, Lilia Benvenuti de. **A Mulher na Capoeira**. 2016. Texto publicado no Bolg - Berimblog. Disponível em: <http://www.berimblog.com.br/www.berimblog.blogspot.com>. Acesso em: 13 Mar. 2020

NUNESI, Mariane Oliveira. Artigo do Encontro estadual de historia História e movimento social. **UM CELEIRO DE “BAMBAS”**: A IMPORTÂNCIA DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DA CAPOEIRA DA CIDADE DE ITABUNA (1990-2018).

OLIVEIRA, J. P., LEAL, L. A. P. **O reinado das mulheres: a capoeiragem feminina no norte do Brasil**. Salvador: EDUFBA. 2009.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero : ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA. 2009

RASPANTI, Pinna Maria. **A calça comprida e a emancipação feminina**. 2016. Disponível em <https://historiahoje.com/a-calca-comprida-e-a-emancipacao-feminina/>. Acesso em: 13 Mar. 2020

REIS, L. V. de S. **O mundo de pernas para o ar: a Capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

RODRIGUES, Maria Nunes Judivania. **O CORPO FEMININO NO JOGO DA CAPOEIRA ANGOLA.**

SCOTT, Joan Gênero: uma Categoria útil de Análise Histórica – Educação e Realidade. ,v.IS, n.2, jul./dez. 1990.

SILVA, P.C.C. **A Educação Física na roda de Capoeira – entre a tradição e a globalização.** Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.